

Cliente: EXPORT PLASTIC
Veículo: Global - São Paulo - SP
Data: Abril / 2006
Seção: Mercado

Na contramão

Indústrias de plásticos conseguem manter competitividade no exterior apesar do atual câmbio e propõem metas arrojadas para os próximos anos

A cotação do real em relação ao dólar figura como uma das grandes preocupações do empresariado brasileiro que atua no exterior. A pressão do câmbio, no entanto, exerce diferente força a depender do setor. Na contramão de indústrias como as de calçados, têxteis e móveis, os fabricantes de artigos plásticos apuram altos índices de crescimento nas exportações. No ano passado, as vendas externas desse segmento totalizaram US\$ 975 milhões – elevação de 23% sobre o resultado de 2004.

Os resultados geraram tanta confiança que o setor definiu uma audaciosa meta para os próximos anos: atingir US\$ 2,2 bilhões em vendas ao exterior em 2008, o equivalente a um aumento médio anual de 30%.

Lançado em janeiro de 2004, o Programa Export Plastic está entre os instrumentos dos quais o setor irá se valer para alcançar esse objetivo. Segundo o gerente-executivo do programa, Wagner Delarovera Pinto, de 2003 a 2005 as exportações totais cresceram 52,5% em valor e 38,2% em volume, enquanto os negócios internacionais das empresas associadas ao Export Plastic tiveram elevação de 124% e 96,5%, respectivamente.

CENÁRIO FAVORÁVEL

Para Delarovera, o setor conta com três fatores a favorecer a competitividade brasileira no mercado internacional: "Os principais mercados compradores – Estados Unidos e União Européia – estão aumentando de 10% a 12% a importação de plásticos transformados. Além disso, as indústrias investiram na tecnologia de suas plantas, a fim de atender ao mercado brasileiro, mas, como a demanda interna não cresceu como o esperado, o setor está com capacidade ociosa de cerca de 25%. Com um índice as-

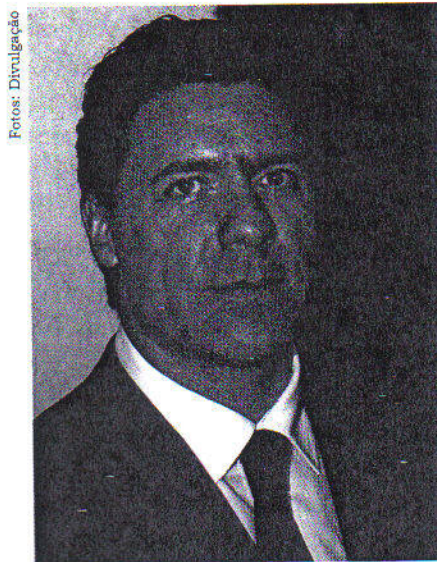
sim elevado, as empresas brasileiras vêm-se forçadas a destinar 25% da produção ao mercado externo".

Também se pode considerar que o dólar beneficia o setor ou, pelo menos, não se mostra tão contrário à rentabilidade. O gerente do Export Plastic explica: "O dólar não nos afeta tanto como ocorre com outros setores, muito embora de 60% a 70% dos custos das indústrias brasileiras de plásticos sejam com resinas, que, apesar de vendidas em reais, têm base em dólares".

Ainda que o panorama seja positivo no exterior, o segmento continua com saldo negativo na balança comercial. No ano passado, as importações somaram US\$ 1,233 bilhão (valor correspondente a 325 mil toneladas), indicando diferença negativa de US\$ 258 milhões (50 mil toneladas). "Mesmo

assim, o déficit em volume consta como o segundo menor de uma série histórica de sete anos, o que demonstra aceleração dos embarques ao exterior realizados pela indústria de transformação no período", diz.

Esses pontos reforçam a importância da manutenção do programa Export Plastic, que tem a Petrobrás como maior patrocinadora. Com 122 empresas associadas de 13 estados brasileiros, o término desse primeiro convênio entre o projeto e a Apex-Brasil está previsto para o próximo mês. "O investimento realizado no período



Fotos: Divulgação

Delarovera: "Vendas de US\$ 2,2 bi até 2008"